

JUVENTUDES: de espectadores das violências na/da escola a construtores da cultura de paz^{117*}

Rosa Maria de Almeida Macêdo¹¹⁸

Universidade Federal do Piauí

Resumo

Neste texto, temos como objetivo refletir sobre o tema juventude, considerando-a sob um olhar positivo, como potencial de mudanças e capaz de apresentar e realizar ações propositivas no sentido de mudar a realidade social. A partir dessa perspectiva, em que o jovem é visto como solução e não como problema, introduzimos a ideia e o conceito de protagonismo juvenil, proposta que tem como foco possibilitar aos jovens participação ativa, construtiva e solidária, para que possam se envolver na solução de problemas reais na escola, na comunidade e na sociedade. Dentre esses problemas, encontramos o fenômeno das violências, que tem eclodido e se manifestado com frequência e formas cada vez mais assustadoras no espaço escolar. Porém, assim como na sociedade, de modo geral, na escola, também verificamos a existência do binômio juventude-violência, no qual o jovem é associado a atos de violência, o que tem contribuído para reforçar a visão estereotipada do jovem violento, além do equívoco de que a solução para os problemas sociais e da escola deve sempre partir do adulto. Diante disso, nossa reflexão se faz no sentido de, a partir da concepção positiva de jovem e tendo como base a experiência realizada com alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública na cidade de Teresina-Pi, mostrar a possibilidade de desconstrução das violências e,

117 * Recebido em: agosto/2013. – Aceito em: setembro/2013.

118 Doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade Federal do Piauí/CCE/DEFE, Área de Fundamentos Psicológicos da Educação. E-mail: rosa.mam@hotmail.com.

ao mesmo tempo, de construção de uma cultura de paz no contexto escolar¹¹⁹.

Palavras-chave: juventude, Escola, Violência, cultura de paz.

Youths: from violence spectators at school to builders of peace culture.

Abstract

In this paper, we aim to reflect on the theme of youth, considering it under a positive look like potential changes and able to present and perform purposeful actions towards changing social reality. From this perspective, in which the young man is seen as a solution and not as a problem, we introduce the idea and concept of youth leadership, proposal focuses enable young people, active participation, constructive and supportive, so that they can get involved in the solution real problems in school, community and society. Among these problems, we find the phenomenon of violence that has broken out and manifested frequently and increasingly frightening forms at school. But just as in society in general, the school also verified the existence of the binomial-youth violence, in which the young is associated with acts of violence which has contributed to strengthen the stereotypical view of young violent, beyond the misconception that the solution to social problems and school should always start from the adult. Therefore, our reflection is in order, from the positive conception of young and based on the experiment conducted with students from 6th to 9th grade of elementary education at a public school in the city of Teresina-Pi, show the possibility of deconstruction of violence and at the same time, building a culture of peace in the school context.

Keywords: youth, School, Violence, culture of peace

Introdução

São vários os caminhos que podemos percorrer para abordar o tema juventude. Poderíamos falar sobre beleza, vida na escola, lazer, violências, trabalho, consumo, cultura juvenil, fa-

119 Estudo realizado pela autora, cujos resultados se encontram em sua Tese de Doutorado, intitulada "Juventudes, Cultura de Paz e Escola: transformando possibilidades em realidade" (UFC/2013). A pesquisa contou com o apoio financeiro do CNPq.

mídia, mídia, apenas para exemplificar. Do mesmo modo, também são diversos os pontos de vista a partir dos quais podemos falar sobre os jovens. Dentre tantos caminhos e pontos de vista, neste texto, escolhi abordar a temática da juventude numa perspectiva positiva, na qual procuro desfazer o binômio juventude-violência, situando os jovens no contexto da construção da cultura de paz, considerando-os sujeitos que podem participar desse processo, não como meros espectadores, mas como protagonistas de mudanças.

Cada vez mais se fala no fenômeno da violência relacionando-o ao universo juvenil, especialmente na mídia que, cotidiana e exaustivamente, mostra eventos em que o referido binômio aparece insistentemente, dando-nos a impressão de que se trata de algo comprovadamente natural. Na escola, a situação não é muito diferente. Em geral, os eventos de violência que ocorrem naquele espaço são atribuídos aos jovens, o que reforça a ideia de que os jovens são produtores e/ou espectadores de violência. Embora em alguns discursos os jovens sejam apontados como aqueles que mais tarde tomarão os lugares ocupados, hoje, pelos adultos, quando nos voltamos para a realidade, especialmente, a escolar, ela nos mostra que há uma distância muito grande entre o que se fala e o que de fato acontece. Diante disso, me ocorrem as seguintes indagações: Qual é a nossa compreensão sobre a juventude? Do que estamos falando quando afirmamos e, até defendemos, que os jovens devem assumir papel protagônico diante da realidade? Por que os jovens tem assumido papel de espectadores das violências? O que fazer, então, para que os jovens deixem de ser espectadores das violências para se tornarem participantes ativos em projetos que visem à promoção da cultura de paz? Na tentativa de formular uma explicação, percebo que existe outra questão de cuja resposta necessito para fundamentar o meu ponto de vista acerca do tema. Essa questão se refere ao modo como vemos, percebemos e nos relacionamos com os jovens. Ou seja, falar sobre os jovens como construtores da cultura de paz implica em pensar, antes de tudo, sobre a juventude e as concepções que temos em relação a ela (MACÊDO, 2012). Isto porque não faz sentido falar sobre o envolvimento dos jovens em ações de

enfrentamento dos problemas sociais, se nossa atitude em relação a eles é sempre no sentido de criticá-los e de acusá-los de indiferentes em relação a essas questões, numa demonstração clara de que não acreditamos, de fato, na capacidade, disponibilidade e força que eles possuem.

Desse modo, coloco como objetivo deste artigo refletir sobre a juventude considerando-a em uma perspectiva positiva, portanto, como potencial de transformação da realidade social, de modo geral, e da realidade escolar, hoje caracterizada, também, como contexto de violências. De modo particular, em relação às violências, é de suma importância que a escola compreenda que a solução ou minimização desse problema que tanto angustia a todos passa necessariamente pelo envolvimento dos jovens em um projeto educativo, em que os alunos deixem de ser acusados de produzir eventos violentos, para se tornarem protagonistas de ações propositivas em relação ao fenômeno. Para realizar esta reflexão, organizei o texto em duas partes: logo na primeira parte, problematizarei, brevemente, o tema juventude, retomando, para isso, aspectos históricos e conceituais. Em seguida, na segunda parte, com base nesta discussão, trago o conceito de protagonismo juvenil e sua relação com as diferentes concepções sobre o que é ser jovem, além da possibilidade de viabilização desse modelo em que o jovem assume papel ativo e participativo na (re)construção da realidade social. Para ilustrar, apresento, resumidamente, a experiência de pesquisa-intervenção realizada por mim com jovens de uma escola pública, que mostra ser possível construir a cultura de paz na escola por meio do envolvimento dos alunos. Com isso, pretendo responder aos questionamentos formulados inicialmente. Por fim, a título de conclusão, faço algumas considerações a respeito do que foi abordado. Cabe ressaltar que há uma intenção provocativa no texto, no sentido de problematizar e dar movimento ao que está “aparentemente” quieto e parado. Ou simplesmente revelar (ou seria desvelar?) aspectos que precisam ser mais bem examinados quando o assunto é juventude e violência.

Juventude: o que pensar e dizer sobre ela

Uma questão que se coloca sempre que falamos sobre juventude é saber qual o seu conceito. Por isso, logo de início, adianto que não há um conceito único para definir o que vem a ser juventude, ou, pelo menos, não há um consenso a esse respeito. O mais importante, nesse contexto, é compreender que juventude é uma construção cultural, portanto, social e histórica e, como tal, a sua problematização nos mostra diferentes aspectos e pontos de vista. Existem também alguns mitos em relação ao tema, que afirmam, por exemplo, que os jovens são uma massa homogênea, violentos e problemáticos por natureza, indiferentes aos problemas que os rodeiam e incapazes de fazer escolhas e de tomar decisões. Todos esses mitos nos levam a pensar a juventude de maneira negativa, o que repercute no modo como lidamos com os jovens, principalmente na negação do poder e da capacidade criadora e transformadora que eles possuem.

Portanto, a superação desses e de outros mitos se impõe como o primeiro passo a ser dado em direção a uma concepção positiva sobre os jovens e, em consequência, a uma perspectiva de protagonismo juvenil.

Mas o que entendemos por juventude?

Na verdade se trata de um tema novo e, ao mesmo tempo, antigo. Isto porque, embora a categoria juventude, como objeto de reflexão, seja considerada um produto da modernidade ocidental que ganha espaço significativo no imaginário social, sobretudo a partir de meados do século XX, é possível situá-la como objeto de preocupação, já no final do século XIX, em alguns países do mundo, como Estados Unidos, Alemanha, França, onde se encontram referências reiteradas sobre o modo de ser e de agir peculiar da juventude. Entretanto, desde os primórdios de nossa civilização, a juventude aparece como objeto de admiração, sendo enaltecida pelo vigor, beleza física ou saúde (TRASSI e MALVASI, 2010).

Na atualidade, a juventude é uma noção ambígua, podendo ser apreendida de diferentes formas: uma faixa etária; uma etapa de transição da vida de todas as pessoas; um contingente populacional; uma geração ou uma categoria social. Portanto,

não existe uma concordância em torno de um conceito e, em comum entre as diferentes definições de juventude, está a compreensão de que se trata de uma dimensão da fase da vida entre a infância e a maturidade, cujo ciclo deve “desaguar” numa inserção no mundo adulto. Nesse sentido, podemos analiticamente apontar três atributos que caracterizam o conceito de juventude de um ponto de vista mais genérico: é a faixa etária intermediária que abrange extensa etapa da vida; representa anos de transição ou passagem da vida infantil para a idade adulta e o período em que se consolidam preferências, gostos, formação profissional, ou seja, uma série de predicados sociais que remetem à ideia de etapa de formação (TRASSI e MALVASI, 2010; MACÊDO, 2102).

É importante destacar que as caracterizações sobre juventude, desde a primeira metade do século XX, tenderam a evidenciar o contraste do comportamento juvenil com os padrões vigentes, havendo, porém, uma distinção entre as expressões de jovens de diferentes classes sociais: os mais ricos são considerados “excêntricos”, “rebeldes” ou “contestadores”, enquanto os mais pobres são definidos como “delinquentes”. De um lado, os primeiros, pelas oportunidades garantidas pela origem social – acesso a uma educação de qualidade e usufruto de bens materiais – canalizam suas insatisfações e expectativas por meio de produções e participações culturais, artísticas e políticas e, quando se envolvem com a prática de atos de transgressão ou atos infracionais, há uma tolerância social maior na compreensão de sua conduta e nas práticas sociais de repressão e controle de suas ações. Do outro lado, em relação aos jovens pobres, há claramente uma tendência social de subestimação de sua produção e forma de participação social, de criminalização de sua conduta, utilização de mecanismos de repressão e punição rigorosos – o controle de circulação pelas cidades, sua representação como perigoso ou potencialmente perigoso e, finalmente, o encarceramento da pobreza ou o seu extermínio (ABRAMO, 1997; MACÊDO, 2012).

É importante chamar a atenção para o fato de que, em relação ao trabalho, em função da origem social, alguns setores da juventude têm postergado sua entrada nesse universo, dado

o processo de escolarização mais longo decorrente da qualificação exigida para ocupar bons postos de trabalho em um mundo complexo e de altas tecnologias que se reinventam. Por sua vez, os jovens pobres são obrigados a ingressarem o mais cedo possível no mercado de trabalho, especialmente nos postos para as quais são exigidos menores níveis de qualificação e profissionalização, o que leva muitos jovens a abandonarem os estudos.

Desse modo, assim como ocorre com outras construções sociais e culturais, a juventude, ou o que entendemos por juventude, vai sendo (re)modelada ao sabor das mudanças pelas quais passam as sociedades ao longo do tempo. Portanto, o que chamamos de juventude, assim como infância, é uma construção cultural recente, que surge apenas no final do século XIX, solidária à consolidação da escola como instituição responsável pelo processo de escolarização das novas gerações e à emergência da cristalização social das idades da vida, supondo a separação entre crianças e adultos, até então misturados (PERALVA, 1997; MACÊDO, 2012).

A institucionalização do curso da vida e de suas fases, colocadas entre os seus extremos, nascimento e morte, reconhecidas pela sociedade moderna, sofreu alterações, abandonos, retrocessos e supressões, trazendo consequências que, em grande parte, desconhecemos. Uma delas, entretanto, se coloca muito claramente na atualidade. É a postergação do envelhecimento que torna o jovem o modelo do presente e não mais do futuro, num processo de valorização da juventude que passa a ser relacionada a valores e estilos de vida e não apenas a determinada faixa etária (PERALVA, 1997; GROppo, 2000). Nesse sentido, Matos (2006) lembra que o período relativo à juventude tem se tornado cada vez mais estendido, fenômeno que pode ser observado, especialmente, na permanência dos jovens por mais tempo junto aos pais, numa espécie de adiamento da assunção de responsabilidades tipicamente adultas, fato observado, particularmente, entre jovens pertencentes a famílias mais favorecidas economicamente.

Abramo (1997) ressalta que, só muito recentemente, a atenção dirigida aos jovens tem crescido no Brasil, tanto por parte da opinião pública como da academia, por parte de atores

políticos e de instituições, governamentais ou não, que prestam serviços sociais. Nos meios de comunicação de massa observamos a oferta de uma grande quantidade de produtos dirigida ao público jovem como programas de televisão, revistas de comportamento e moda, cadernos nos jornais, etc., assim como um crescimento do noticiário a respeito dos jovens. No entanto, para a autora, existe na mídia uma divisão nesses modos de tematizar a juventude: de um lado, aquele em que os jovens são vistos como um público para o qual são dirigidos inúmeros produtos e em que os temas abordados são, em geral, estilos de vida, música, moda, esporte, lazer, ou seja, cultura e comportamento; de outro lado, aquele em que os jovens são assunto nos noticiários (destinados aos adultos) e em que os temas abordados são a violência, o crime, o uso e tráfico de drogas, exploração sexual, gravidez precoce, assuntos que se encontram relacionados aos “problemas sociais”. Não há dúvida quanto à contribuição da mídia no sentido de trazer à baila o tema da juventude; entretanto, e infelizmente, essa projeção veio acompanhada do surgimento de vários estereótipos sobre os jovens, especialmente aquele que veicula a ideia de uma pretensa condição juvenil, homogênea e universal (ABRAMO, FREITAS, SPÓSITO, 2000) ou, ainda, aquele que estabelece o binômio juventude-violência (TRASSI e MALVASI, 2010).

Na academia, segundo Abramo (1997), após um período de ausência em relação à temática da juventude, os jovens novamente são objetos de investigação (dissertações de mestrado e teses de doutorado), porém, na maioria desses trabalhos, ainda prevalece o interesse em refletir e investigar as instituições presentes na vida dos jovens. O maior número de trabalhos se concentra na temática juventude e escola, e adolescentes em processo de exclusão social, sendo poucos os que têm como foco o modo de vida dos jovens e a maneira como eles mesmos elaboram as situações em que vivem, sendo raros os estudos que se voltam para buscar compreender os jovens a partir de suas próprias experiências, percepções, sociabilidade e atuação (SPÓSITO, 2009).

Quanto às políticas públicas, Abramo (1997) chama a atenção para o fato de que no Brasil, ao contrário de outros países,

não existe uma tradição na formulação de políticas voltadas aos jovens enquanto público diferente do público infantil e que extrapole ao atendimento escolar formal. De iniciativa dos órgãos governamentais já é possível observar uma gradual preocupação em formular políticas voltadas para esse segmento da população. Nos âmbitos estadual e municipal existem programas de formação profissional e de ofertas de serviços e, no âmbito federal, foram criados programas com vistas à capacitação profissional e ingresso e permanência de jovens nas universidades.

Porém, é por iniciativa de instituições e agências de trabalho social, como as organizações não governamentais (ONGs), associações e instituições de assistência, que tem crescido consideravelmente o número de projetos e programas para o atendimento dos jovens. No entanto, Abramo (1997) evidencia que a maioria dessas ações é destinada aos jovens que se encontram em “desvantagem social” ou de “risco” (p. 26), adolescentes que são submetidos à exploração sexual ou, ainda, que se encontram envolvidos em atos de delinquência e com o consumo e tráfico de drogas. De modo geral, esses programas têm como objetivo dirimir ou diminuir as dificuldades de integração social apresentadas por esses jovens, por meio da ressocialização e da capacitação profissional e encaminhamento para o mercado de trabalho.

Apesar do aumento do número de ações e programas destinados aos jovens, “eles continuam desfocadamente visíveis, obscurecidos por uma sensação de que esta falta de instrumentos e ‘jeito’ se deve ao fato de que a ‘adolescência é mesmo uma fase difícil’ de se lidar” (ABRAMO, 1997, p. 27), sendo que as exceções são os programas que têm como base a ideia de protagonismo juvenil. Infelizmente, a maior parte das abordagens relacionadas aos jovens, tanto na tematização quanto na elaboração de ações, não os considera sujeitos capazes de também formular questões e propostas significativas que dizem respeito a eles e à sociedade. Dessa forma, as imagens negativas sobre os jovens, baseadas em mitos e estereótipos, têm contribuído para a construção de uma concepção negativa em que os jovens são vistos como “problemas sociais” e não como sujeitos capazes de estabelecer uma relação dialógica, contribuindo, assim, para que eles continuem

sendo ignorados como pessoas capazes de propor ações e de dialogar com outros atores sociais, apesar de ser considerado um segmento populacional de grande importância. Sobre isso, concordo com Matos (2007, p. 65) quanto à necessidade de desconstruirmos o olhar negativo que geralmente estendemos aos jovens e passarmos a vê-los como “potencial positivo” e como “exemplos de revitalização social”, pois as juventudes apresentam uma grande capacidade de mobilizar, de formular proposições e de empreender mudanças sociais.

Diante disso, apresentar uma definição de juventude é algo bastante difícil, pois, como vimos, os critérios que constituem essa categoria não são puramente relacionados às idades da vida e às transformações biológicas, mas são vinculados a aspectos históricos e culturais. Assim, entendemos como Groppo (2000), Matos (2006) e Peralva (1997) que juventude pode ser definida como uma categoria social que compreende, ao mesmo tempo, uma representação sociocultural e uma situação social. É uma construção em que estão “presentes ambiguidades entre direitos e deveres, entre a imaturidade sexual e a maturidade, entre a formação e o pleno florescimento das faculdades mentais, entre a falta e a aquisição de autoridade e de poder” (MATOS, 2006, p. 169). Sob essa ótica, a juventude deixa de ser vista apenas como uma faixa etária ou um grupo coeso ou classe social e passa a ser entendida como uma concepção, uma representação simbólica criada pelos grupos sociais ou mesmo pelos indivíduos jovens para representar comportamentos e atitudes a eles atribuídos. Além disso, e ao mesmo tempo, também passa a ser compreendida como uma situação social vivida em comum por determinados indivíduos. Embora a juventude se baseie em faixas etárias, o modo como cada sociedade, dentro de um determinado tempo histórico, e cada grupo social apresentam, representam e lidam com esse momento da vida vai ser bastante diverso (MACÊDO, 2012; MACÊDO e BOMFIM, 2007).

Nessa perspectiva, podemos perceber a existência não de uma juventude, mas de uma diversidade dela na vivência desse momento da vida, ou seja, de uma pluralidade de juventudes, como grupos sociais concretos encontrados em cada recorte sociocultural que se fizer: classe social, etnia, religião, estrato,

gênero, cidade, campo, cada um com características, símbolos, comportamentos, subculturas e sentimentos próprios.

Com isto, é mais adequado falarmos de juventudes, no plural, e não de juventude, o que não significa ter uma visão fragmentada por tipos de jovens, pois mesmo considerados a partir de certas especificidades, não se podem perder de vista também os elementos comuns entre eles. Podemos falar de juventudes como as mais variadas formas de comportamentos e manifestações dos jovens das sociedades modernas com perfis e padrões biopsicossociais que lhes são próprios e, de acordo ainda com as diversas maneiras de olhar essa categoria, a partir de diferentes enfoques ou abordagem: biológica, sociológica ou psicológica (MACÊDO, 2012; MACÊDO e BOMFIM, 2007).

Os jovens como protagonistas

É a partir da concepção positiva e da compreensão de que os jovens têm o desejo de serem reconhecidos em suas capacidades que surge o conceito de protagonismo juvenil. A palavra *protagonismo* é formada pelas raízes gregas: *proto*, que significa “o primeiro, o principal” e *agon*, que significa “luta”. *Agonistes*, por sua vez, significa “lutador”. Protagonista significa, então, lutador principal, personagem principal, ator principal. Diz-se, então, que uma ação é protagônica quando, na sua execução, o jovem é o ator principal no processo de sua realização.

Com esse tipo de ação, a pretensão é buscar formas de ajudar os jovens a construírem sua autonomia, por meio da geração de espaços e situações que lhes proporcionem a participação criativa, construtiva e solidária na solução de problemas reais na escola, na comunidade e na vida social mais ampla (COSTA e VIEIRA, 2005).

Para Milani (2003), o paradigma do protagonismo juvenil se contrapõe aos do paternalismo, determinismo, ceticismo, alienação, isolamento e revolta. Nele, reconhecemos nos jovens potencialidades e valores, cujo aproveitamento resultará em seu desenvolvimento integral e em melhorias para a coletividade. Além disso, ao recusar a manipulação ideológica dos jovens,

nessa perspectiva se entende que o papel de adultos e instituições é oferecer oportunidades, encorajamento e apoio para que os jovens se mobilizem, definam suas prioridades coletivas e atuem em prol da comunidade ou da causa que elegeram.

É indubitável que a promoção do protagonismo juvenil traz inúmeros benefícios. Milani (2003) indica que esses benefícios podem ser resumidos em dois níveis: primeiro, a participação não visa somente obter um jovem socialmente mais responsável e mais cooperativo, mas proporcionar o desenvolvimento de uma pessoa sã; segundo, não se trata apenas de envolver os jovens em boas causas para desviá-los do mau caminho, mas de acreditar, de fato, no grande contingente de jovens que constitui parte significativa da população e força poderosa de transformação social. O jovem é, ao mesmo tempo, o beneficiado e o promotor de transformação social.

Diante disso, podemos afirmar que favorecer o protagonismo juvenil é uma estratégia eficaz de promoção do bem-estar pessoal e desenvolvimento social dos jovens, uma vez que contribui para a elevação de sua autoestima, assertividade e formulação de um projeto de vida. Ou seja, tanto o jovem quanto a sociedade são beneficiados por esse processo. No mundo e no Brasil, já existe uma considerável parcela da juventude que se encontra integrada a alguma forma de participação coletiva, a exemplo de grupos artísticos, culturais, desportivos ou religiosos, ONG's, movimentos sociais, estudantis, ecológicos ou comunitários, escotismo, ações voluntárias (MACÊDO e BOMFIM, 2007).

Em diversas partes do Brasil, os jovens têm exercido o seu protagonismo em campos diversos, como intervenções em prol do meio-ambiente, da saúde, dos direitos humanos; ações educativas sobre sexualidade, prevenção de DST/AIDS; apoio a crianças, idosos e pacientes, em hospitais, creches, orfanatos ou asilos; ações em prol da melhoria do ensino e do sucesso na aprendizagem escolar; atuação como agentes comunitários; mobilizações em prol da ética na política.

Quando os jovens não encontram meios construtivos e saudáveis de “deixar a sua marca no mundo”, expressando-se e sendo valorizados, muitos se engajam em comportamentos antissociais. Manifestações como gangues, arrastão, grupos ne-

onazistas, brigas nos bailes funk ou entre torcidas esportivas, brincadeiras selvagens, galeras de pichação e vandalismo podem ser analisados sob esse prisma (MILANI, 2003).

Segundo Costa e Vieira (2005), a ideia e o conceito de protagonismo juvenil surgem como forma de preencher uma lacuna de natureza teórico-prática, pois, enquanto proposta, tem como foco possibilitar aos jovens participação ativa, construtiva e solidária, para que possam se envolver na solução de problemas reais na escola, na comunidade e na sociedade. Entretanto, como frisei anteriormente, um dos caminhos para que isso ocorra é mudar nossa maneira de entender os jovens e de agir em relação a eles, o que só será possível se houver uma mudança na nossa maneira de vê-los. O jovem deve começar a ser visto como solução e não como problema, como potencial positivo (MACÊDO e BOMFIM, 2007, MATOS, 2007).

A pesquisa realizada por mim em uma escola pública na cidade de Teresina-Piauí, no período de junho de 2010 a junho de 2012, é um exemplo do que acabei de comentar. Convivendo diariamente com problemas de indisciplina, incivildades e violências, os professores e membros da equipe gestora diziam não saber mais o que fazer. Porém, quando indagados sobre o que, de fato, a escola tem realizado para melhorar a situação, a resposta é bastante evasiva. Na verdade, como pude ver, ao acompanhar o cotidiano da escola durante um ano, não foi possível verificar a existência de nenhum projeto com essa finalidade, mas apenas ações pontuais e esporádicas que, a meu ver, além de não produzirem impacto positivo na realidade escolar, geram nas pessoas uma sensação de impotência e desânimo diante do problema.

Assim como ocorre em outros contextos, na escola pesquisada os alunos são sempre apontados como bagunceiros, indisciplinados, violentos e, raramente, são ouvidos pelos adultos, sendo, na maioria das vezes, apenas alvos de punições e, principalmente, de preleções que não produzem nenhum efeito, a não ser o de provocar, nesses jovens, os sentimentos de revolta, injustiça e desrespeito. Na escola, embora sejam sempre colocados no centro dos problemas, nunca são chamados a dizer o que pensam sobre o assunto (MACÊDO, 2012). Considero,

assim, como Matos (2007), que os jovens possuem uma capacidade enorme para colaborar em mudanças e é dessa forma, como potencial positivo, que devemos vê-los. Sabemos, entretanto, que isso implica uma mudança de percepção em relação a eles: passar de uma visão negativa para uma visão positiva, na qual eles possam ser vistos como pessoas capazes de emitir opiniões, de resolver problemas e de fazer escolhas.

Foi movida por essa convicção que, ao realizar a pesquisa-intervenção, procurei envolver os jovens não apenas como informantes, como é comum na maioria das pesquisas, mas como participantes ativos em todo o processo de investigação. Desse modo, o processo de realização da pesquisa, desde o momento inicial e após prévia autorização da direção da escola e dos pais dos alunos, foi construído em conjunto pela pesquisadora e pelos jovens. Os temas abordados (o que é ser jovem; o que é ser aluno; morte; namoro; violência, paz etc.) e as estratégias utilizadas para tal fim (oficinas temáticas, dramatizações e rodas de conversa) foram definidas e construídas em conjunto. Na avaliação que realizei com os jovens a respeito do processo de pesquisa, um aspecto importante a destacar foi a participação deles nas atividades realizadas, sobretudo, o envolvimento e a disponibilidade para se manifestarem e expressarem seus pontos de vista, bem como para construírem novos conhecimentos e atitudes. Essa capacidade participativa é ressaltada nos trabalhos de Matos (2003, 2007), nos quais os jovens são sempre apresentados como “exemplos de revitalização social” (2007, p. 65). De fato, quando são criados espaços e situações propiciadoras da sua participação, os jovens se mostram criativos e solidários na solução de problemas.

É evidente que, inicialmente, houve uma postura mais reservada da parte deles, ou desconfiada, talvez! Quem sabe, pela estranheza de serem ouvidos! Como quando perguntei a eles o que sabiam sobre o tema Paz e a jovem retrucou: “*A gente não sabe dessas coisas não professora. A senhora é que tem que dizer. É a senhora que sabe! Na escola a gente nunca tratou sobre isso não!*”. Outro momento emblemático aconteceu durante o Seminário “A escola como lugar de construção da Cultura de Paz”, atividade de encerramento da pesquisa, com o objetivo de

apresentar para a comunidade escolar e pais os resultados do estudo, refletir sobre eles e, a partir disso, coletivamente, construir alternativas de ações voltadas para a promoção da paz. Para isso, foram formados grupos com representação de pais, docentes, funcionários, gestores e alunos e foram entregues algumas questões para reflexão. Além das respostas apresentadas para as questões formuladas, o que merece destaque em relação ao propósito deste artigo foi a surpresa demonstrada por realizarem um trabalho conjunto.

Ao falarem da experiência todos afirmaram ter sido a primeira vez que isso aconteceu na escola e que, por esse motivo, ficaram surpresos, pois normalmente “*só as pessoas da escola falam e os pais e os alunos ficam escutando*” (professor). “*Foi uma experiência nova, muito interessante e enriquecedora, principalmente pela participação dos alunos*”, disse outro professor. Os fragmentos dos depoimentos são bastante reveladores:

“Fiquei surpresa. Nunca antes havia feito um trabalho assim com os alunos. Nunca imaginei que eles fossem capazes de dizer as coisas que disseram. Com tanta segurança e demonstrando ter seu ponto de vista. Argumentando para defendê-lo. Acho que este momento mostrou que a gente subestima muito a capacidade dos nossos alunos. Daí eu fiquei pensando: e se a gente tivesse momentos assim na sala de aula? Quem sabe se não seria mais fácil prá eles e prá gente também!” (Professor)

“Quando a professora pediu pra gente fazer a tarefa junto com os professores eu fiquei com medo e achei que não ia dar certo. Mas, depois, no grupo vi que tava enganada. Me senti respeitada. Os professores me deixaram falar e eu gostei muito.” (Mãe de aluno)

“Foi muito interessante. Percebi que pelo fato de nos colocarmos no mesmo nível, pois no trabalho de grupo que fizemos todos fizeram papel de aluno, ou seja, ninguém se colocou sabendo mais que o outro, todos ficaram muito animados e encorajados para expor seu ponto de vista. E foi maravilhoso ver que naquele mo-

mento estávamos produzindo conhecimento de forma coletiva.” (Professor)

“Olha, acho que eles (os jovens) se saíram melhor do que os professores e funcionários que estavam no grupo. Eles sabem das coisas sim! A gente é que muitas vezes acha que não!” (Funcionária)

“Foi gratificante esta experiência. Muitas vezes a gente nem fala na aula porque o professor não permite, porque acha que a gente que é jovem só fala bobagem”.
(Aluna)

“Achei muito boa a experiência. No momento da discussão, no grupo, todo mundo era igual. E foi bem legal ver os professores se colocando no nosso lugar”.
(Aluna)

Como resultado concreto da pesquisa com os jovens, é possível apontar a definição e construção coletiva de um projeto voltado para a redução da violência e construção da cultura paz, a ser concretizado com a participação de todos, principalmente dos alunos do 6º ao 9º ano, que, após os estudos e discussões realizadas a respeito do tema violências e cultura de paz, mostraram-se disponíveis e desejosos para colaborar. Foram, então, consensuados os seguintes encaminhamentos: a realização de atividades que se constituam em momentos de debate, problematização e reflexão sobre questões que dizem respeito à escola e a família, como é o caso da construção da cultura de paz e outras de interesse de todos; envolver os pais em atividades em que eles possam mostrar e compartilhar suas habilidades (ex. costura, bordado, marcenaria etc); revisão do regimento da escola e construção de normas que auxiliem na melhoria da convivência de todos; investir em ações que possam melhorar as relações interpessoais entre os membros da escola e desses com os pais dos alunos e, finalmente, a implantação de um projeto de mediação de conflitos.

Além disso, é importante destacar que o resultado mais marcante foi o de chamar a atenção de professores, gestores e

funcionários para a capacidade dos jovens, colaborando, desse modo, para a desconstrução do mito de que os jovens não querem se envolver ou não são capazes de ajudar na solução dos problemas. Sobretudo, chamar a atenção dos próprios jovens para as suas potencialidades, conferindo às suas atitudes, discursos, propostas e escolhas, credibilidade e segurança, aspectos que impactam na elevação da autoestima e do autoconceito. Por isso, mais do que de intervenção, os resultados do estudo são pedagógicos, uma vez que permitiu aos participantes problematizar o cotidiano, refletir sobre ele, rever e construir novos conceitos, atitudes e posturas, relacionados à temática abordada, principalmente, à juventude.

Para concluir, algumas considerações

Como vimos, o protagonismo juvenil representa uma importante estratégia de participação social dos jovens nos espaços aos quais pertencem. Seus benefícios são inquestionáveis. Entretanto, é válido lembrar que, nessa perspectiva, é imprescindível que a participação do jovem seja de fato autêntica e não simbólica, decorativa ou manipulada. Essas últimas são, na verdade, formas de não participação que podem causar danos ao desenvolvimento pessoal e social dos jovens, além de minarem a possibilidade de um convívio autêntico entre eles e seus educadores e adultos, de modo geral. Sobre esse aspecto, Costa e Vieira (2005) acrescentam que a participação é uma atividade ontocriadora, isto é, formadora do ser humano, tanto do ponto de vista pessoal como social.

Como vimos, na escola, a proposta do protagonismo juvenil se coloca como um desafio, pois significa criar espaços, para que o educando possa empreender, ele mesmo, a construção de seu ser. Além disso, e sobretudo, implica na aceitação e no acolhimento do jovem enquanto sujeito válido na interlocução, ou seja, alguém com quem podemos dialogar e, nesse sentido, o professor tem papel fundamental, uma vez que cabe a ele não somente ministrar aulas, mas atuar como líder, organizar, animar, facilitar, criar e cocriar acontecimen-

tos, por meio dos quais os jovens possam desenvolver ações protagônicas.

Essa maneira de trabalhar com os jovens certamente poderá contribuir para que muito do que hoje é considerado problema se transforme, amanhã, em solução. Para isso, é preciso enfrentar de modo efetivo os problemas da escola, da comunidade e da vida social. O fundamental é acreditar sempre no potencial criador e na força transformadora dos jovens. A construção pedagógica do jovem solidário, autônomo, competente e participativo por meio do protagonismo juvenil deve ser considerada uma forma superior de educação e deve ser, portanto, o objetivo da escola e do professor.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Número Especial. Juventude e Contemporaneidade. ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, n. 5, maio/jun./jul./ago. 1997; n. 6, p. 25-36, set./out./nov./dez. 1997.

ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, M^a Virgínia de; SPOSITO, Marília P. (Orgs.) **Juventude em debate**. São Paulo: Cortez, 2000

COSTA, Antonio Carlos Gomes da; VIEIRA, Maria Adenil. **Protagonismo juvenil**. São Paulo: FTD, 2005

GROPPO, Luís Antonio. **Juventudes**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

MACÊDO, Rosa Maria de Almeida. **Juventudes, cultura de paz e escola**: transformando possibilidades em realidade. 2012. Tese (Doutorado) – UFC, Fortaleza-Ce, 2012.

MACÊDO, Rosa Maria de Almeida; BOMFIM, Maria do Carmo Alves do. **Um olhar sobre juventudes, escola e violências**. Teresina: Expansão, 2007.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. Juventude, Paz e Espiritualidade: Opção por uma prática educativa ético-amorosa. In: IBIAPINA, Ivana Maria L. de M.; CARVALHO, Maria Vilani C. de. (Orgs.). **A pesquisa**

como mediação de práticas socioeducativas. IV Encontro de pesquisa em educação da UFPI. Teresina: EDUFPI, 2006. p.167-178

_____. Juventudes e cultura de paz: diálogos de esperança. **Revista Linguagem, Educação e Sociedade.** Teresina, a. 12, n. 16, p. 65-70, jan./jun. 2007.

MILANI, Feizi Masrour. De espectadores a protagonistas da Cultura de Paz. In: BALESTRERI, Ricardo Brisolla (Org.). **Na inquietude da paz.** Passo Fundo, RS: Edições CAPEC, 2003. p. 13-31.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação.** Número Especial – Juventude e Contemporaneidade. ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, n. 5, maio/jun./jul./ago. 1997, n.5; n. 6, p. 15-24, set/out./nov./dez. 1997.

SPOSITO, Marília Pontes. A pesquisa sobre Jovens na Pós-Graduação: um balanço da produção discente em Educação, serviço Social e Ciências Sociais. In: SPOSITO, Marília Pontes. **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira:** Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Belo Horizonte: Argumentum, 2009, v.1, p. 17-56.

TRASSI, Maria de Lourdes; MALVASI, Paulo Artur. **Violentamente pacíficos:** desconstruindo a associação juventudes e violência. São Paulo: Cortez, 2010.